

O FIM DE UMA BUSCA É O PRINCÍPIO DE OUTRA

THE END OF A SEARCH IS THE PRINCIPLE OF ANOTHER

Pedro Fernandes de Oliveira Neto^{1*}

RESUMO

Todos os nomes, de José Saramago, ilustra um princípio espiralar do romance. A leitura aqui apresentada se constitui como a exegese sobre alguns dos últimos périplos do Sr. José, como os da visita ao cemitério e a recomposição da ordem da Conservatória, a fim de reencontrar, de forma diversa, a figura motivo de suas buscas. A partir da tese segundo a qual o sujeito é ato contínuo, um exercício de aprendizagem sobre mundo e em relação com outro, que se institui como uma recorrência no conjunto da obra saramaguiana, o que buscamos compreender é como através do Sr. José, José Saramago avança no trabalho de exploração sobre um mundo de contradições. Nesse sentido, compreendemos que este romance repensa, a partir da travessia, os lugares dos sujeitos numa determinada conjuntura social e seu papel na reinvenção de suas estruturas individual e social.

Palavras-chave: José Saramago. Travessia. Sujeito.

ABSTRACT

The narratives that constitute *All the Names*, by José Saramago, form part of a spiraling effect in the novel. Once recognized, the image of the spiral can function as a conceptual metaphor for the protagonist's journey through the city. The reading presented here is an exegesis of some of the final treks of Sr. José's journey, such as his visit to the cemetery and the reestablishment of the Order of the Conservatory, as he hopes to rediscover, in different ways, the figure behind his search. Based on the thesis that the subject is a continuous act, an exercise in learning about the world, in relation to others—a recurrent idea in Saramago's work—what we seek to understand is how, through Sr. José, Saramago advances his exploration of a world of contradictions. In this sense, we understand that, using the journey, this novel rethinks the subjects' places in determined social circumstances and their role in the reinvention of individual and social structures.

Keywords: José Saramago. Journey. Subject.

¹ * PEDRO FERNANDES DE OLIVEIRA NETO é professor de literatura da Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN). É Doutor em Estudos da Linguagem (Literatura comparada). É membro do Grupo de Estudos Críticos da Literatura (GECLIT). É pesquisador colaborador na Cátedra Internacional José Saramago (Universidade de Vigo). É organizador da coletânea *Peças para um Ensaio* (Ed. Moinhos, 2020). É autor do e-book *Palavras de pedra e cal* e de *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago* (APPRIS, 2012).



A circularidade dos itinerários não deve ser compreendida como um movimento estanque já que das sobreposições soltas de um círculo sobre outro se ergue a sua forma. A imagem que melhor a representa é a do movimento espiralar, em que uma situação pode recorrer a outra, mas a situação seguinte, apesar de lembrar a anterior, nunca é a mesma. A ruptura com a linearidade da forma, evidenciada pela personagem do Sr. José em *Todos os nomes*, atesta isso; é de voltas que se faz um percurso. Sublinhamos a própria observação do narrador quando se limita a perscrutar o uso do fio de Ariadne para a entrada do escriturário nos arquivos dos mortos: “Poder-se-á perguntar para que irá servir ao Sr. José um fio tão extenso, de cem metros, se o comprimento da Conservatória Geral, apesar dos sucessivos acréscimos, ainda não passou de oitenta” — questiona; “É uma dúvida constante de quem imagina que tudo na vida se pode fazer seguindo cuidadosamente uma linha recta, que é sempre possível ir de um lugar a outro pelo caminho mais curto” — observa; “mas aqui, onde os vivos e os mortos partilham o mesmo espaço, às vezes há que dar muitas voltas para encontrar um destes” (SARAMAGO, 1997, p.167-168)².

Dessas observações se renova a expressão de que, mais que o fim do percurso, o que interessa ao romancista, no enalço de seu protagonista, é o que se encontra ao longo do itinerário. Afinal, o enredo de *Todos os nomes* é sabido: este dedicado e meticoloso funcionário da Conservatória do Registo Geral mantém o gosto de colecionar, no vazio das horas entre um expediente e outro, os registros de figuras famosas; encontra ao acaso a ficha com os dados de uma desconhecida e, desde então, estabelece uma rotina totalmente contraditória ao seu modo de agir e ser, a fim de encontrar essa mulher; depois de vários itinerários, e já no enalço da sua obsessão, descobre que ela está morta.

É, pois, com esta consideração sobre o valor daquilo que se encontra ao longo do itinerário que avançamos sobre um dos últimos percursos do Sr. José em busca da mulher desconhecida: sua visita ao Cemitério Geral se faz não para se certificar de que a mulher desconhecida está morta e sim para ter certeza de que esteve viva, imbuído talvez da vontade de não acreditar que a história é igual para todos, como suspeitava antes de pensar o que deve ser feito tendo em mãos o princípio e o fim das buscas.

A ida ao cemitério, fim e início de outros itinerários, permite ao protagonista do romance descobrir novos elementos sobre o objeto de sua perquirição, através da fala um tanto displicente do curador do cemitério sobre o caso que está a investigar — “Está nos suicidas” (p.222). Para além de uma burocratização da morte, ressaltam as relações de semelhança entre o espaço da Conservatória e do Cemitério (“Entra-se pelo cemitério por um a edifício antigo cuja frente é irmã gêmea da fachada da Conservatória Geral do Registo Civil”, p.213). Pode-se pensar essa ida aos mortos como um instante de revelação para o Sr. José sobre os limites entre a vida e a

² Como todas as citações de *Todos os nomes* partem de uma mesma edição, a partir de agora indicaremos apenas o número da página.

morte, já que aqui esses termos não estão mais em oposição como no início de sua itinerância. Vida e morte estão cerzidas como planos da existência. Como a arquitetura arborizada do cemitério penetrando sem limites o espaço dos vivos, vida e morte passam a ser expressões interdependentes. Saído do mundo dos vivos, o escriturário se confunde na escuridão da noite com o lugar dos mortos: “de si para si, pensava que o mais natural seria estar com medo ... com o singular cemitério que o rodeava, uma assembleia de suicidas, um ajuntamento de silêncios que de um momento para outro poderá começar a gritar” (p.233). Mas, se entendemos os passos dessa personagem como os passos do herói da épica³, caberia perguntar: em que pensam os heróis desse tempo quando mergulhados na escuridão?

Sabendo que não pertence mais a este mundo a única pessoa que talvez pudesse responder sobre seus desejos, o Sr. José é figura descendente de Atlas, o que sustenta o globo terrestre nas costas, ou de Sísifo, o que está condenado a padecer do eterno esforço de, com uma pedra de mármore às costas subir à montanha para logo depois retornar num movimento *ad aeternum*: “o que percebia dentro de si parecia-se muito mais com uma indecisão, com uma dúvida”, avalia o narrador, “como se, crendo ter chegado ao fim de tudo, a sua busca ainda não tivesse terminado, como se ter aqui vindo não representasse senão um ponto de passagem, sem mais importância que a casa da senhora idosa do rés-do-chão direito” (p.233).

No Cemitério, mesmo o encontro com o pastor de ovelhas, no alvorecer do dia — um raro instante de iluminação num romance de atmosfera trevosa — não reconduz nossa personagem para uma saída da escuridão que traz consigo. A claridade é apenas entrevista; quando finalmente o Sr. José se crê diante do montículo de terra onde foi enterrado a sete palmos o corpo da mulher desconhecida, é este pastor quem lhe confessa trocar ele próprio continuamente as lápides dos suicidas. Nesse sentido, é dele o papel de outra instância iluminadora nessa narrativa: é ele quem reforça o relativismo das formas na composição da existência, da não-unidade dos sujeitos, valorizando antes o necessário compromisso do homem com a vida:

Nenhum dos corpos que estão aqui enterrados corresponde aos nomes que se lêem nas placas de mármore, Não acredito, Digo-lhe eu, E os números, Estão todos trocados, Porquê, Porque alguém os muda antes de serem trazidas e colocadas as pedras com os nomes, Quem é essa pessoa, Eu, Mas isso é um crime, protestou indignado o Sr. José, Não há nenhuma lei que o diga, Vou denunciá-lo agora mesmo à administração do Cemitério, Lembre-se de que jurou, Retiro o juramento, nesta situação não vale, Pode-se sempre pôr a palavra boa sobre a má palavra, mas nem uma nem outra poderão ser retiradas, palavra é palavra, juramento é juramento, A morte é sagrada, A vida é que é sagrada, senhor auxiliar de escrita, pelo menos assim se diz. (p.240)

3 A relação evoca a leitura de Adrián Huici (1999), “Perdidos en el labirinto: el camino del héroe en *Todos los nombres*”. Para este autor, a aventura das buscas do Sr. José pela mulher desconhecida, estabelecida nos limites do que podemos designar como *absurdismo*, remete ao que na tradição literária, do mito à épica — aqui pelos grandes feitos e pela superação de grandes obstáculos e tentações — chama-se *peregrinatio* ou caminho do herói.

A principal tarefa desse pastor — tal como é a da mesma personagem n’*O Evangelho segundo Jesus Cristo* ou em *Caim* — é desafiar o Sr. José à revalidação do conhecimento sobre a existência; nesse caso específico é ainda revelar a realidade como uma grande farsa manipulada em silêncio pelo homem. Essa compreensão se abre, aliás, desde a demonstração das fragilidades da Conservatória, que tem o seu poder subvertido pelas inúmeras infrações cometidas por esse funcionário tido com o mais exemplar. Contudo, mesmo sendo o Sr. José a figura da subversão, ainda não atentara ele, até o momento, para sua tarefa, tampouco para a condição obnubilada da verdade.

O pastor poderia ser uma espécie de desdobramento do escriturário no futuro, se futuro existisse para a narrativa? A hipótese não parece impossível, afinal o Sr. José é alguém que começa, então, a desenvolver em contato com o pastor, uma outra consciência sobre sua própria atitude subversiva. A subversão do pastor, ao contrário da do aprendiz, se revela por ele próprio sem quaisquer receios, regido que é por outra forma de visão que não a engendrada pelos determinismos do poder, conforme ele próprio se identifica para o seu interlocutor: “por que é que está a responder a todas as perguntas que lhe faço, o mais natural seria que me dissesse que não tenho nada com a sua vida” — assim questiona o pastor; “É esta a minha maneira de ser, sempre respondo quando me perguntam” — responde; “É subalterno, subordinado, dependente, criado às ordens, moço de recados, Sou auxiliar de escrita da Conservatória Geral do Registro Civil” (p.239). A pronta resposta a toda interpelação sobre si nunca é reativa e sim conformativa, identificando alguém fortemente domado pela ordem exterior.

O pastor é quem alcançou uma liberdade para além das forças cerceadoras da burocracia. Ele reafirma ainda a falta de sentido de transformar as pessoas em nomes e números, meras convenções arbitrárias. E o exercício pastoral de reinventar as tumbas, pelo sentido de que a vida – e não a morte – é que é sagrada, é um gesto de compreender sua tarefa como sujeito do presente, de perpetuar a memória dos mortos confundindo-a para além da existência individual. O fragmento do extenso diálogo desenvolvido entre essas duas personagens é dos mais ricos de interesse para o romance e constitui a ocasião em que o Sr. José adquire as lições mais significativas de todo o seu trajeto em busca da mulher desconhecida.

O pastor, à maneira do cético *mestre* Alberto Caeiro, é uma figura cujo interesse está em revelar ao seu *discípulo* o que lhe basta: o passado e o presente como temporalidades inter-relacionadas no projeto de conhecimento sobre uma condição autêntica da existência e seu consequente desligamento do transcendente. A vida é o instante limite e tudo nela se contém, tudo nela esbarra; é preciso apegar-se a ela e não na incerteza do além, construída e mantida por um complexo aparelho ideológico e cultural que submete as existências a um amontado de projeções. É notável o quanto esse ceticismo, experimentado em sua natureza mais crua, servirá ao Sr. José quando este se dá conta, com a ajuda do Chefe da Conservatória, de que é capaz de manipular a morte e a vida: o homem tomando o lugar ausente de Deus.

Se os mortos, por serem muitos, aparecem aí identificados apenas por números, como livros de uma biblioteca, atravessando o sujeito – entre a existência e a não-existência –, na mesma posição anulada e destituída de significação de quando vivo, mera peça no extenso jogo da burocracia, a troca das lápides apenas acentua e põe a nu a sua desidentificação e anomia, a instabilidade de todas as coisas (inclusive do eu) e a relativização de todas as certezas (inclusive a de uma unidade dos sujeitos). Isto é, os labirintos estão por toda parte, não apenas na ordem do visível, mas na do invisível, acentuando a confirmação trazida pela narrativa: “É um labirinto”, afirma o pastor, ao que o Sr. José responde, “Os labirintos podem ver-se de fora”, e ele rebate, “Nem todos, este pertence aos invisíveis”. (p.239).

A estratégia subversiva desse pastor aproxima-o, por oposição, da do pequeno escriturário da Conservatória: enquanto o Sr. José se cerca do gosto secreto pela organização, exercitando-se através de sua coleção – miniatura da Conservatória –, a figura enigmática do pastor é afeita a reforçar o caos como prolongamento da existência; diferentemente do Sr. José, que carrega o medo calado de ser punido pelas infrações em que se mete para sustentar sua obsessão, seu *outro-mestre* tem total segurança sobre os seus atos: “Se for certo, como é minha convicção, que as pessoas se suicidam porque não querem ser encontradas, estas aqui, graças ao que chamou a malícia do pastor de ovelhas, ficaram definitivamente livres de importunações” (p.241). O exercício aparentemente banal rejeita o trivial e reabilita o aparente — “é possível não vermos a mentira mesmo quando a temos diante dos olhos” (p.241).

Expõe-se, com esse diálogo entre as duas personagens, que a possibilidade de apreensão de uma totalidade da existência, desde a aurora da história do homem, é algo inalcançável; o sujeito se compõe, como o labirinto, de uma extensa e polivalente leva de itinerários e não há sobre eles predeterminações. Caminhamos no mundo como se caminhássemos num labirinto. Não se pode dizer nada de definitivo sobre o que quer que seja, simplesmente porque não temos a capacidade de alcançar o todo. É esse o exercício sisífico empreendido por essa figura de *Todos os nomes*. Mas, diante do caos, o consolo é não se abater. A busca é uma forma de fazer-se sujeito; é uma marca de dupla face: resistência e dignidade. O sujeito privilegiado por José Saramago, portanto, olha seu mundo em estado de decadência, sabendo que precisa descobrir e compreender que só lhe resta o trabalho de saber refazê-lo e que é infinito esse trabalho. A existência consiste em buscar para saber, saber para agir, agir para ser — três *movências* recorrentes na literatura saramaguiana, para talvez, à maneira de Sócrates, chegar à única verdade do filósofo: a de saber que nada sabe.

Ao invés de estarmos diante de alguém que apenas reflete sobre a ordem social, este sujeito é quem busca compreender-se nela. Há nessa construção uma preocupação nascida com o romance e privilegiada por uma lista quase infinita de escritores: a de mostrar as relações sociais como coisas e a personagem como ser, tal como conjectura Michel Zérafra em *Romance e sociedade* (1971). Saramago assume-se, portanto, como o romancista que não deixa que se perca o exercício da imaginação para tentar apreender a complexidade do real, buscando aliar um ao outro como alimentos para construção do romanesco. Daí que este romance busque

estabelecer abertamente um diálogo sobre o lugar do homem no mundo. Há qualquer coisa de fatalismo nisso, dirão uns, mas seria coerente substituir essa intuição pela simples constatação de que nossas certezas sobre o eu e o mundo não se sustentam porque não os organizam nem constituem um todo inequívoco.

Ao dizer-nos das peripécias de uma personagem em sua relação com a existência, cobra-nos indiretamente uma atitude como parte de um ajuntamento social. Dessa perspectiva, José Saramago acentua uma ordem, uma lógica, uma historicidade, consubstanciais ao romance, e o tem como artefato para pensar e fazer pensar; recusa, portanto, a função da arte como contemplação desinteressada, fenômeno de apaziguamento da existência; quer leitores à sua maneira, em trânsito pelos lugares obtusos, por onde fervilham as artimanhas das ideologias dominantes a fim de corroê-las. Isso é visível se entendemos esse Sr. José como sujeito em constante *exercer-se*, numa fuga necessária ao estado de ser em direção ao *que poderia ser*, isto é, passando de “subalterno, subordinado, dependente, criado às ordens, moço de recados” para outra condição mais autêntica como elemento de ação sobre o social. Por isso, é necessário ainda observá-lo no que visualizamos como a gênese de outra obsessão: afinal, se “as obras do acaso são infinitas”, infinitas também devem ser as maneiras pelas quais os indivíduos devem *ser para suportar o desencanto do mundo*. Trata-se de uma ação consumada logo depois do diálogo com o pastor que o havia provocado com a ideia de troca das lápides dos suicidas:

A intenção do Sr. José, quando dissera ao pastor, Eu ainda fico, tinha sido apenas a de ficar sozinho durante uns minutos antes de meter pés ao caminho. A única coisa que queria era pensar um pouco em si mesmo, achar a medida justa da sua decepção, aceitá-la, pôr o espírito em paz, dizer de uma vez, Acabou-se, mas agora uma outra ideia lhe aparecera. Aproximou-se duma sepultura e tomou a atitude de alguém que estivesse a meditar profundamente na irremissível precariedade da existência, na vacuidade de todos os sonhos e de todas as esperanças, na fragilidade absoluta das glórias mundanas e divinas. Cismava com tanta concentração que nem deu mostras de ter-se apercebido da chegada dos guias e da meia dúzia de pessoas, ou pouco mais, que acompanhavam o enterro. Não se moveu durante todo o tempo que durou a abertura da cova, a descida do caixão, o reenchimento do buraco, a formação do costumado montículo com a terra que tinha sobejado. Não se moveu quando um dos guias espetou no lado da cabeceira a chapa metálica negra com o número da sepultura a branco. Não se moveu quando o automóvel dos guias e o carro fúnebre se afastaram, não se moveu durante os escassos dois minutos que os acompanhantes ainda se conservaram ao pé da campa dizendo palavras inúteis e enxugando alguma lágrima, não se moveu quando os dois automóveis em que tinham vindo se puseram em marcha e atravessaram a ponte. Não se moveu enquanto não ficou só. Então foi retirar o número que correspondia à mulher desconhecida e colocou-o na sepultura nova. Depois, o número desta foi ocupar o lugar do outro. A troca estava feita, a verdade tinha-se tornado mentira. (p.242-243)

Mesmo depois de se reconhecer peça perecível de um sistema sobre o qual não dispunha de força suficiente capaz de reverter uma mudança que se dissesse coletiva, o Sr.

José permanece mobilizado em subverter a ordem onde estava metido. A atitude, copiada do pastor, de misturar os limites do que é com aquilo que *poderia ser*, recupera os pontos de uma discussão entre os dois acerca do termo *respeito*; aqui, a ação se cerca de uma revisão da palavra compreendendo-a como uma das incluídas no rol das atitudes morais, no sentido sugerido por Zygmunt Bauman numa discussão sobre *respeito e desdém* em seu *Isto não é um diário* (2012). O respeito do Sr. José pelos mortos se situa, a princípio, numa consciência gregária; isto é, sua atitude de reverência aos antepassados se configura presa em dicotomias como o correto e o incorreto. Por essa polarização, o respeito se assemelha a uma transação de troca: oferece-se respeito lembrando-se de que, da eternidade, os mortos olharão com certa piedade sobre os vivos. Mas, os olhos vazios no nada, nada contemplam. “A morte, como tal, não é profanável” (p.240). O respeito e a moral, entretanto, como acentua Bauman (2012) a partir de Levinas, são relações assimétricas; assim, ao invés de uma obrigação, estas devem ser produto de uma responsabilidade espontânea; não devem estar a serviço de um retorno, de um sacrifício ou à espera de uma retribuição. Devem significar uma relação de responsabilidade do mais forte pelo mais fraco, do provido de recursos pelo mais pobre, sem que isso configure uma ascendência de um sobre o outro. Respeito, portanto, é construção incondicional.

Nesse sentido, a atitude silenciosa do Sr. José se coloca como um evento espontâneo, um despertar para a existência e a responsabilidade dos vivos para com os mortos. É a abertura de uma nova busca sem garantias de que no seu fim esteja necessariamente uma descoberta, mas com itinerários construídos a partir de uma revisão de determinadas ordens estabelecidas. Tudo sucumbe ao tempo e não há possibilidade, por enquanto, de se dobrar a esquina da eternidade, mas a troca das lápides assume provisoriamente que a memória do nome não se perca em definitivo ao ser toda vez lembrada pelos que até certo tempo visitam os mortos. Por isso, é que o gesto do Sr. José extrapola inclusive o interesse do pastor. Não se trata apenas de deixar os suicidas “definitivamente livres de importunações”, trata-se da compreensão da existência do suicida abalada pelo individualismo dos que estão ao seu redor. A troca das lápides é, desse modo, a possibilidade de oferecer um respeito autêntico sobre sua vida: “Não creio que haja maior respeito que chorar por alguém que não se conheceu” (p.240).

A atitude se liga à da destruição do verbete da mulher desconhecida e ao projeto de fazer para ela outro verbete no qual a morte não seja revelada. Se nada escapa ao destino inexorável do tempo, ao menos que os vivos elaborem possibilidades para que a memória dos que não estão mais entre eles não seja de um todo silenciada. É esse entendimento que faz o respeito deslocar-se do domínio da razão, das prescrições, para o da moral, o da prioridade na valoração do ser humano pelo outro. “O que opõe respeito e desrespeito (ou desprezo) é a diferença entre dar atenção e ignorar” — lembra Bauman (2012, p.96). Isto é, o desrespeito não está na atitude de trocar as lápides, porque isso é não-ignorar; está antes no desprezo da humanidade pelos que se tornam seus antepassados. Trata-se de um gesto que reclama uma relação mais próxima com esses antepassados, numa continuidade entre o que foi, o que é e o será. Essa é uma

compreensão que visa a atentar sobre o tempo não como temporalidade estanque, mas como descontinuidade; expressão do homem enquanto sujeito constituído na e pela coletividade; uma reafirmação do que o romancista elabora ao longo de sua literatura e tem seu princípio ainda no desfecho de *Levantado do chão*, quando a história dos vivos passa a ser entendida como exercício contíguo à dos mortos.

Há nesse gesto ainda uma violação do conceito alimentado por anos de cristianismo desde a sustentação da divisão entre o indivíduo real e sua matéria espiritual, em que a morte tornada entidade se revela mais sagrada que a vida ou a vida é tornada em exercício de expiação para a *pós-morte*; a morte tornada um outro lado da existência. Mas não há nada do lado de lá, intui a narrativa saramaguiana. Também a morte não é passagem, tampouco transcendência; a morte, nós a carregamos conosco. Não há, pois, como tem construído o binarismo das formas, a oposição vida / morte e somente o esquecimento pode servir à separação entre uma e outra. Os dois são termos pertencentes a naturezas distintas. Nesse sentido, *morrer* e *não morrer* são integrações dialéticas da vida. Um é o sentido para o outro.

Tal entendimento é corroborado pelo gesto do conservador em reorganizar os arquivos na Conservatória sem fazer distinções entre o lugar dos vivos e o dos mortos; desmancha-se nessa integração a imagem simplista de que o presente está para aqueles e o passado para estes. Ou que, pelos nomes, haja mortos melhores e piores; afinal, a morte é o instante no qual todos os homens (*todos os nomes*) são igualados; identificá-los é mera circunstância de prolongamento da individualização de que padece a atual civilização. É novamente a desestabilização das antinomias.

O curso desse processo, que, se não implica uma total inversão das hierarquias, propõe uma constante revisão de suas posições, traz à frente das discussões uma nova forma de *fazer-se sujeito* que não mais se guie pelas fronteiras estabelecidas ou pela verdade instituída e se questione sempre sobre os lugares que ocupa. A atitude do Sr. José é produzida como silenciosa resposta contrária à invectiva provocadora do pastor quando o classifica como parte da classe dos subalternos, dos que apenas cumprem e zelam pela ordem estabelecida. O fundamento para o sujeito saramaguiano reside na compreensão do homem como “ser natural ativo”, trazendo à ordem dessa discussão o termo proposto em Giorgio Agamben (2013) numa revisão sobre o papel do homem nesse *modus vivendi* cuja *poiesis* é enfraquecida pelo predomínio da *práxis*. Na atual situação, não existe qualquer possibilidade de ter por verdade a forma absoluta. Sem cair em relativismos, o que o romance constata é que tudo são construções. Mesmo a certeza sobre a morte é uma irrealidade, uma aparência. Conhecer é um eterno mover-se entre labirintos e sem mapas. É essa a condição do existir; o próprio dos sujeitos é buscar.

Não tem esse percurso, portanto, o interesse pela construção de uma mulher real ou ideal; aliás, do ponto de vista da personagem, essas buscas não possuem qualquer interesse senão o de satisfazer sua curiosidade e preencher o tempo com afazeres fora da rotina. Herói

contemporâneo, o Sr. José é apenas, na sua configuração inicial, quem não sabe para onde ir — cada novo itinerário é uma sugestão estabelecida por alguém. Falta-lhe uma motivação interna que o faça agir; quando não levado pelo que diz alguém, segue o curso dos acontecimentos. Mas, não se pode negar que a sua busca se dá por relações autênticas num mundo cuja vida subjetiva tornou-se coisa entre coisas, e o homem habita-o sem humanidade; que seu itinerário quer ser ruptura com uma civilização petrificada onde os homens não mais se reconhecem uns aos outros, num tempo, enfim, de comunicação abafada pelos ruídos que dificultam a possibilidade de compreensão e comunhão entre os indivíduos. O Sr. José é sujeito num mundo de objetos derrisórios. Suas perquirições, contudo, acabam por se revelar para nós como instantes de desconstrução e como uma indagação sobre os limites condicionados pela luz da razão: vida/ morte, verdade/ mentira, passado/ presente, realidade/ ficção, ver/ imaginar, eternidade/ efemeridade, sexo/ amor.

Em meio a isso tudo, firma-se através dele, com bastante propriedade, uma crítica sobre o nosso tempo e uma investigação acurada sobre o sujeito, os sistemas de valores, os modos e os motivos que colaboram na sua construção.

Todos os nomes vê as contradições no plano de valores que rege a existência dos indivíduos e busca alcançar um realinhamento do sujeito com esse lugar que pouco a pouco tem se tornado outra coisa, irreconhecível para ele próprio. Tal como sugere Lukács (2009), eis a tarefa impossível delegada ao herói de romance — alcançar uma relação no mínimo coerente e concreta entre a vida do homem e suas razões de viver. Mesmo quando a vida parece não ter sentido, este Sr. José prova que ela é necessária. Saramago está, desse modo, no rol daqueles romancistas que escrevem contra a artificialidade do tipo e do absurdo da história — para uso de duas expressões coletadas de *Pessoa e personagem*, do Michel Zérafra (2010). Concebe o sujeito como incerto e hesitante, mas não quer isolá-lo, e sim fazê-lo homem entre os homens; prefere construí-lo apostando na sua relação com a coletividade, integra-o, como pensa Zérafra, à ordem entre “o triunfo do fracasso do homem”. A personagem saramaguiana é figuração sobre a luta pela revelação de outras possibilidades de restabelecer os laços intersubjetivos e conseqüentemente pelo projeto de integração do homem pelo homem ainda que, na atual conjuntura, a posição aponte numa direção contrária; sua aventura significa vitória e fracasso: “o impossível é uma situação, o absurdo é um estado, pois no próprio herói coexistem e se interpenetram uma realidade psicológica (e social) e uma verdade espiritual, de sorte que quanto mais procura ser [...] mais tem consciência de seu não-ser” (ZÉRAFFA, 2010, p.367).

As travessias das quais esse herói participa revelam tantas vezes o homem impotente diante da ideologia, sua existência condicionada por uma natureza invisível e fantasmática, inominada, mas ele não perece fisicamente. Não podendo resolver o conflito que opõe a vida ao seu sentido, o romancista deixa-o em suspenso, tal como refere Michel Zérafra (2010) ao tratar de subjetivismo e alienação no romance contemporâneo.

“O Sr. José entrou na Conservatória, foi à secretária do chefe, abriu a gaveta onde o esperavam a lanterna e o fio de Ariadne. Atou uma ponta do fio ao tornozelo e avançou para a escuridão” (p.278-279) — assim finda *Todos os nomes*: com um retorno em outra dimensão, já que é um mergulho no desconhecido, numa busca que o projeta *ad infinitum*. Lançar-se à escuridão, entretanto, não tem um gesto de fim, mas de continuidade; há uma vontade de poder, um grau de avanço sobre a eternidade, fazendo dele, como é o caso de outras figuras saramaguianas, um arquétipo, revelando-o como natureza mítica da busca infinita do homem.

O Sr. José é receptáculo de um mundo de contradições e age nesse mundo num exercício de romper com sua desumanidade; está num torvelinho da crise de valores, na redução do homem à coisa. É representação emblemática da complexidade da história e dos modelos sócio-afetivos em voga. O Sr. José é o sujeito do não-espanto, está anestesiado pela esclerose do mundo, mas, dentre algumas qualidades que se podem alinhar sobre ele, está a sua vontade de buscar o desconhecido.

Lembremos no diálogo imaginado entre o Sr. José e o conservador quando a personagem admite ser levada pelas decisões – “Se tomou a decisão, sabe por que a tomou, Acho que não a tomei eu, que foi ela a tomar-me a mim” (p.42). A vacilação e a mudança de posição são sintomas do sujeito contemporâneo, esse que é figurado pelo Sr. José; destituído de forças e da espontaneidade da ação, ele é aprisionado em sua existência; para ele, ser homem significa ser só. O sujeito é uma aparência, assume-se como um fantasma de si para si mesmo; o que ele quer é atingir o mundo como uma verdade, mas essa é vacilante. O sujeito é fragmento, *insubstância*, ruína entre um mundo também em ruína.

Todo esse itinerário, ora dentro ora fora da consciência da personagem, conduz-nos à compreensão do sujeito saramaguiano, ao menos na obra analisada, como estrutura essencialmente construída no limiar entre uma e outra vida: a interior e a social. O homem, crê Saramago, não pode ser isolado de sua presença no mundo; ele é um ser psicossocial, isto é, ao mesmo tempo pessoal e extrapessoal. Sua unidade, portanto, nunca se compõe de uma única forma. Ou como sugere Michel Zéaffa em *Pessoa e personagem* numa consideração sobre o indivíduo em D. H. Lawrence, o homem é uno pela continuidade progressiva do desejo cujo dinamismo inclui e orienta não apenas a diversidade mental, mas os aspectos múltiplos da vida social; “a natureza abraça, sustenta a cultura, e dá a esta seu sentido. O passado, em particular, não é algo a recuperar: o passado está aí, o homem não está, de modo algum, separado dele” (ZÉRAFFA, 2010, p. 230). Não é um alienado, mas alguém que tenta refletir sobre o seu lugar no mundo. Seja com determinados sujeitos ou contra outros, a natureza do sujeito está sempre *entre*. No fim, essa é também a busca do Sr. José: um mundo coerente e humano. Seu exercício é produto de um *insight* sobre o regresso a um universo de valores esquecidos, embora o que encontre seja nada mais que projeções desse tempo, fazendo-o sujeito alheio a um mundo no qual não mais se reconhece. Sua luta é contra o esquecimento.

Nesse sentido, pensamos o sujeito em Saramago como paradigma que se inscreve na desconstrução dos modelos pré-fixados; se toda sua literatura, como sugere Miguel Real (1999), é um questionamento, no âmbito das dicotomias secularizadas, sobre o cerramento opositor bem-mal, amor-ódio, sabedoria-ignorância, espírito-corpo, elite-massa, rico-pobre, deus-diabo, é também um questionamento sobre a oposição eu-outros. Não é possível, por esse motivo, enxergarmos as bases desse paradigma pela via das razões preestabelecidas. É insuficiente a possibilidade de pensar o *eu* só pela lógica do estado de consciência, em que a realidade é transposta para a narrativa apenas como filtro subjetivo de uma consciência individual; do mesmo modo que o romance não é uma visão unilateralista do *eu no mundo*. Há um conjunto polivalente de forças que não existem apenas na decisiva intenção de mostrar o sujeito *em crise*, mas o exercício de construção de uma individualidade pautada na experienciação crítica e ativa no e sobre o universo social onde se inscreve o sujeito.

O romance saramaguiano está centrado em ser exercício de reflexão muito coerente sobre o que se tem assumido como uma categoria no interior de outras esferas do pensamento — seja a filosofia, a psicanálise, a história, as ciências sociais; a literatura saramaguiana, apesar de não poder ser reduzida ao estatuto do documento ou da teoria, não se fecha apenas no fenômeno literário, mas o amplia, para tê-lo como espaço de reflexão sobre o sujeito e o mundo. Mas não é prescritiva: ainda que reflita sobre outras possibilidades de *ser sujeito* não determina, pela trama assumida pela personagem, rumos que sirvam de *modelo* contrário ao estágio de fragmentação do sujeito.

Não é uma literatura pedagógica, nem do *retorno*. O sujeito se inscreve como modelo referenciado por uma ordem maior e mais complexa — seja o estado, a religião, a ideologia. O que a literatura saramaguiana revela não está resumido à fragmentação ou ao estilhaçamento do eu, mas é a tentativa de instaurar a ordem paradigmática de um novo homem, de uma nova sociedade e de outra forma de poder questionador de uma cultura marcadamente fundada nas relações de dicotomia e posições reducionistas e unilateralistas. O sujeito é, dessa maneira, imbróglio de uma questão maior e mais complexa.

Mas, a literatura saramaguiana não está aí para mostrar ou ser um diagnóstico do eu, nem para atestar o surgimento utópico de um novo homem. O que aí se revela é tão somente a necessidade de romper com determinados contornos culturais, sociais, mentais e políticos a fim de se pensar outra sociedade diferente da que vimos construindo. Compreendendo que todos os movimentos sociais que tentaram resolver esse impasse pela revolução fracassaram, reincidindo em formas comunitárias que se tornaram totalitárias, o que restou foi esse processo lento e tortuoso que consiste na construção individual ou de pequenos núcleos sociais pela aprendizagem de um encontro com o mundo e com o outro, num exercício para ação coletiva. O que passa em revisão é a necessidade da participação ativa dos sujeitos naquilo que diz respeito a si e às decisões coletivas.

O sujeito não se pode deixar levar pelo egoísmo hedonista; o sujeito se constrói pelas relações com o outro. Ser sujeito é recusar para si e para os outros as relações de sujeição, de autoridade imposta arbitrariamente, de desprezo; deve construir a si mesmo e se apropriar de sua linguagem (cf. DUBAR, 2009). Nessa conjuntura, novos sujeitos podem reinventar uma conjuntura social e podem gerar outro modo de existência humana, ou outras possibilidades subjetivas; afinal o que se pode chamar de sujeito não passa de uma conformação de formas identitárias diversamente construídas por e num processo específico de socialização que assegura uma dupla revisão, do aspecto social e do aspecto individual. Talvez devamos pensar daqui em diante, portanto, não em sujeitos quando nos referirmos à literatura saramaguiana, mas em *formas de ser sujeito*.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Tradução de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Isto não é um diário**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: EDUSP, 2009.

HUICI, Adrián. “Perdidos en el labirinto: el camino del héroe en *Todos los nombres*. In: **Revista Colóquio / Letras**. Lisboa, n.151-152, p.453-462, jan.1999.

KUNDERA, Milan. **A cortina**: ensaio em sete partes. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUKÁCS, György. **A teoria do romance**. Tradução de João Marcos Mariani de Macedo. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

REAL, Miguel. “José Saramago ou a literatura como fundadora da palavra”. In: **Studia Romanica et Anglica Zagrabienis (SRAZ)**, Zagreb, vol. 44, p.107-121, 1999.

SARAMAGO, José. **Caim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ZÉRAFFA, Michel. **Romance e sociedade**. Tradução de Ana Maria Campos. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1971.